



Augusto Cattoni *

Os difíceis rumos da economia - BRASIL

Poucos previram que o começo do século 21 seria tão complicado com a aceleração dos eventos alarmantes dos últimos sete meses. O nível de instabilidade em todo o mundo atingiu patamares inesperados. A situação internacional vai influenciar eventos no Brasil neste ano de decisão presidencial. O protecionismo americano levará a Europa a proteger mais ainda sua agricultura e seu aço, prejudicando o Brasil e outros países. É também um momento de incertezas, devido a acontecimentos políticos recentes na Europa e no Brasil. Uma recomposição da política na França parece inevitável, depois do resultado da eleição francesa que deixou claro que os eleitores rejeitam os partidos e políticas das últimas décadas. A eleição que confirmou a força do Front National, de Jean Marie Le Pen, com sua mensagem anti-Europa, levou também à crise da esquerda, que só terá líder depois do pleito de junho. A falta de legitimidade do presidente Jacques Chirac fica evidente, apesar de sua vitória esmagadora com 82% dos votos. A França encontra-se numa situação de transição que leve, talvez, até uma nova Constituição. A manifestação de força da extrema-direita na França, como na Áustria, Bélgica, Itália e Dinamarca, é clara. O assassinato do candidato antiimigração às eleições da Holanda, ou dos 19 estudantes e professores na Alemanha, eventos raramente vistos nesses países, mostra que a Europa enfrentará um desafio.

Nos Estados Unidos o governo George W. Bush embarcou numa política agressiva que afetou os cenários interno e externo. Com o corte de impostos, colocou os EUA numa situação de déficit orçamentário, tendo de tomar dinheiro no mercado, o que elevará os juros para todos. Com a imposição de tarifas no aço, madeira e produtos agrícolas, tornou os EUA quase tão protecionistas quanto os europeus. Por esses e outros motivos, antagoniza seus aliados, como no episódio recente de abandonar o Tribunal Criminal Internacional. Com uma política externa que enfatiza a luta ao terrorismo, deixou a condição do Oriente Médio se deteriorar a um ponto perigoso. A esses fatos deve ser acrescida a corrupção gerada pela Enron, que foi algo jamais visto, pelo volume de dinheiro envolvido e laços com políticos e membros do governo.

No Canadá, há alegações de corrupção contra um governo envolvido em casos mal explicados, que o leva sempre a estar negando algo que parece ilegal ou imoral. A integração econômica com os EUA é crescente, apesar de 30% dos americanos não saberem que o Canadá é um país soberano. O Partido Liberal canadense, no poder desde 1993, dividido se escolhe ou não um novo líder, está no meio de uma luta interna cheia de acusa-

ções de todos os lados. Enquanto isso, o primeiro-ministro decide se tenta um quarto governo majoritário consecutivo para entrar para a História. A atitude do governo canadense em relação ao Brasil, em termos de arrogância, falta de transparência e ajuda a amigos, é mais a regra que a exceção em relação a outros casos mal esclarecidos. O Brasil não deve pensar que é só com ele que o Canadá age assim. É com todo o mundo.

A Colômbia está devastada por uma guerra civil que dura décadas, mas que recentemente recrudescceu para um nível de violência que não se via há muito tempo. Todo o progresso dos últimos anos tornou-se apenas uma lembrança de uma tentativa de paz. Na Venezuela, o presidente Hugo Chávez viu seus planos de uma revolução bolivariana irem por água abaixo, devido a políticas radicais, oposição interna e a má vontade dos EUA. A Argentina está num processo de implosão, depois de

Nesse contexto, é surpreendente que o Brasil não esteja numa situação mais difícil

ter tido uma ilusão que seus problemas estavam resolvidos com a indexação do peso ao dólar, que, por algum tempo, levou a população a acreditar que realmente o país era parte do

Primeiro Mundo, ilusão que até durou muito. O Uruguai, em recessão há três anos, só pensa em fazer um acordo com a América, depois de ter perdido os mercados argentino e, em nível menor, o brasileiro. O Mercosul acabou e esqueceram de avisar. Nesse contexto internacional, é surpreendente que o Brasil não esteja numa situação mais difícil. É verdade que a produção industrial caiu, o desemprego aumentou e a moeda desvalorizou-se. Mas poderia ter sido muito pior. A eleição é só em outubro e tudo pode ficar pior até lá. O que foi feito para reduzir o déficit público ajudou o Brasil a isolar-se um pouco da instabilidade regional. Mas será que essa política vai continuar com o novo presidente? Apesar dos superávits na balança comercial, que é uma maneira de diminuir o déficit da conta corrente, muito pode e deve ser feito em termos de exportar mais. Como se viu, a balança comercial é positiva porque as importações diminuíram, não porque as exportações aumentaram.

Como na Europa, a falta de alternativa política no Brasil é preocupante. A situação e a oposição são especialistas em brigas internas, alimentadas pelos egos dos caciques dos inúmeros partidos, que não levam a nada. O brasileiro tem tudo para se sentir tão alienado em relação à classe política quanto o europeu. Não é motivo que falta. E até para a Copa não tem aquele entusiasmo de sempre.

* Cientista político e consultor comercial no Canadá.

Maria Clara R. M. do Prado, que escreve neste espaço às terças, quintas e sextas-feiras, está em férias.